

LITERATURA E ENSINO





LINGUAGEM
ENSINO
FORMAÇÃO

Comitê Editorial

Ana Guedes (Unicamp)

Carla Lynn Reichmann (UFPB)

Clécio Buzen (UFPE)

Dora Riestra (Universidad Nacional de Rio Negro)

Florencia Miranda (Universidade Nacional do Rosário)

Francine Cicurel (Sorbonne Nouvelle Paris 3)

Ecaterine Bulea-Bronckart (Université de Genève)

Eulália Leurquin (UFC)

Jean-Paul Bronckart (Université de Genève)

Jean-Remi Lapaire (Université Bordeaux Montaigne)

Joaquim Dolz (Université de Genève)

Juliana Alves Assis (PUC/Minas)

Luzia Bueno (Universidade de São Francisco)

Maria Ângela Paulino Teixeira Lopes (PUC/Minas)

Maria Antónia Coutinho (Universidade Nova de Lisboa)

Pierre-Yves Testenoire (Université Sorbonne)

Roxane Gagnon (Université de Genève)

Eulália Leurquin
Fernanda Coutinho
(organizadoras)

LITERATURA E ENSINO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Literatura e ensino / Eulália Leurquin, Fernanda Coutinho, (organizadoras). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2019 – (Coleção Linguagem, Ensino, Formação)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-560-8

1. Interdisciplinaridade na educação 2. Letramento 3. Literatura – Estudo e ensino 4. Português – Estudo e ensino 5. Professores – Formação I. Leurquin, Eulália. II. Coutinho, Fernanda. III. Série.

19-26968

CDD-407

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa e literatura : Estudo e ensino 407

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: dos autores

bibliotecária: Iolanda Rodrigues Biode – CRB-8/10014

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

JUNHO/2019

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 7

Capítulo 1
DA LITERATURA COMO TRAVESSIA:
É POSSÍVEL ENSINAR LITERATURA? 15
Claudicélio Rodrigues da Silva

Capítulo 2
FIGURAS DO OUTRO. LITERATURA
COMPARADA E INTERCULTURALIDADE 35
Graciela Cariello

Capítulo 3
APONTAMENTOS PARA UMA RELEITURA DE
O GUARANI: A MATRIZ FOLHETINESCA E AS
TRADUÇÕES FRANCESAS NO SÉCULO XIX 51
Ilana Heineberg

Capítulo 4
APONTAMENTOS COGNITIVOS
PARA UMA DIDÁTICA DA LITERATURA 75
José Leite de Oliveira Júnior

Capítulo 5
HERÓIS E HEROÍNAS EM TERRAS
DESCONHECIDAS: AS TRADIÇÕES AFRICANAS
EM NARRATIVAS INFANTIS E JUVENIS **93**
Maria Carolina Godoy

Capítulo 6
A CRÔNICA. GÊNERO AMBÍGUO...
MAS GENUINAMENTE LITERÁRIO **115**
Maria Emilia Vico

Capítulo 7
O GÊNERO POÉTICO NO ENSINO
DE LITERATURA **131**
Márcia Cabral da Silva

SOBRE OS AUTORES **145**

APRESENTAÇÃO

A presença da conjunção aditiva “e”, na constituição do par Literatura e Ensino, pode parecer, a princípio, que a adição, por ela expressa, reúna, de fato, instâncias que guardam tal nível de semelhança entre si, que se tornaria impertinente qualquer indagação sobre o fato de as palavras estarem juntas.

Na realidade, impertinente seria aceitar como pacífica essa convivência, uma vez que uma das questões que se colocam com relação à Literatura e às artes em geral possui um nítido contorno epistemológico: As expressões do mundo sensível são passíveis de serem transmitidas? Ou, dito de outra forma: Será que não haveria barreiras quase intransponíveis entre o eu e o outro, quando estamos diante de conteúdos não matematizáveis?

Assim, um ponto de inflexão face ao problema seria a própria abertura das artes, e da Literatura em particular. Em outras palavras, a recepção é da ordem da transitividade, dependendo da circunstância de fruição do leitor, de suas vivências no universo da leitura, e até da memória do já-lido como material potencialmente acionável nos registros que se empilham ao longo da experiência de viver-ler. Portanto, o “e” não lembra (nem deve lembrar!) aos professores de Literatura uma condição de

conforto, como se não houvesse mais perguntas a serem respondidas e/ou formuladas.

É nessa perspectiva que se entende a provocação de mais um livro sobre Literatura e Ensino, o qual busca refletir sobre esse ambiente de aprendizagem na universidade e, principalmente, sobre sua potência de repercussão nas aulas de Literatura do Ensino Médio. Como afastar os futuros professores do papel de agenciadores de respostas prontas, indubitáveis, quando se sabe que a complexidade da Literatura tem um efeito de atração-repulsão que nos aproxima mais das perguntas, distanciando-nos, conseqüentemente, das formulações de teor eminentemente conclusivo. Os sete artigos que formam esta coletânea vêm ratificar a amplitude do binômio Literatura e Ensino, na medida em que encontram formas singulares de pensar a Literatura como matéria de diálogo e ainda de colocá-lo em movimento, por intermédio das atividades propostas na seqüência de cada trabalho.

Em *Da literatura como travessia: é possível ensinar Literatura?*, Claudicélio Rodrigues parte do texto poético de Manoel de Barros – um “menino perguntador” sobre o mundo das palavras –, para mostrar que há necessidade de uma didática da invenção, que ressalte a beleza e a tensão do texto literário.

Apontando as vivências próprias ao ofício de ensinar, o articulista chama a atenção para questões como a opção por uma aposta conteudista, tendo por meta unicamente uma educação de resultados. Sua proposta, em contrapartida, parte do princípio de que:

Literatura se vive. E qualquer saber, não apenas o literário, deve partir da experiência, vivida ou imaginada, que se deve narrar/ler a fim de que de fato exista no campo artístico. Cada ato humano é a literatura em potência, como flor bruta prestes a romper, como chuva prestes a desabar que, ou promove o caos ou fecunda o solo.

Suas reflexões são atravessadas pela de pensadores da linguagem, da educação, e da leitura, a exemplo de Mikhail Bakhtin, Paulo Freire, Jacques Rancière, Rubem Alves e Vincent Jouve, cujas palavras desenham não um diagrama com as de Fernando Pessoa – Alberto Caeiro – e Guimarães Rosa, uma vez que a complexidade que envolve a discussão demanda, mais que uma estrutura plana, uma tridimensional, pois em seu espaço ainda devem caber as “inconclusões”.

Em *Figuras do outro. Literatura Comparada e Interculturalidade*, Graciela Cariello insere no debate a discussão sobre a formação de professores de língua estrangeira. Em um texto bastante assertivo, a pesquisadora relata uma experiência concreta, havida no curso de formação de Professores de Português da Universidade Nacional de Rosário, Argentina. Tomando como base a tensão que reveste a convivência entre as noções de identidade e outridade, são apontadas as incompreensões existentes durante muito tempo face à linguagem literária e sua inclinação para o desvio, entendido erroneamente como menosprezo à normatividade gramatical. Em sua argumentação, Cariello prefere se encaminhar para a compreensão de que:

A literatura nos faz inventores de mundos. Ela prova que as palavras têm uma potencialidade criativa só limitada pelas regras que a própria literatura gera, e que aprender uma outra língua é adquirir mais uma porção dessa potencialidade. A literatura oferece à nossa imaginação a multiplicidade de vidas que uma língua descortina para os leitores. Todas as formas de uma língua, aquelas que vamos aprendendo e até mesmo as que alguma vez descobriremos falando sem saber que sabíamos, estão potencialmente na literatura dessa língua. Se estudarmos a literatura de

uma língua estrangeira, estaremos construindo um espaço de diálogo fecundo, que permitirá ver como e por que *cada um de nós é os outros*.

Ilana Heidelbeg, por sua vez, parte da noção de recepção para colocar em relevo o processo de cristalização, que cerca determinadas obras literárias, trazendo-lhes uma pecha negativa e o conseqüente afastamento do público. Segundo ela, Peri e Ceci são personagens caros ao imaginário popular, mesmo tendo sido gerados nos tempos de nosso Romantismo. O carisma do par, no entanto, não retira do discurso sobre *O Guarani* a reprovação quanto ao “artificialismo, a emotividade e o nacionalismo ingênuo.” A autora acolhe a afirmação de Maria Cecília Boechat de que esta narrativa alencariana seria “herdeira de sua primeira recepção crítica”. Fica então a indagação: os leitores de nossa contemporaneidade poderiam extrair prazer desse gênero de leitura? Uma forma de abordagem, que renderia novos trajetos de leitura seria adentrar as páginas de *O Guarani* por meio de sua “inserção na matriz folhetinesca e sua recepção em âmbito internacional através das traduções francesas que foram feitas deste texto ainda no século XIX”. Os leitores da atualidade precisariam, então, mergulhar na face trepidante do romance-folhetim, sua vocação para o emaranhado de aventuras, buscando, particularmente como o folhetim à brasileira foi delineado. Em suplemento, Heineberg informa que “ao estudar as traduções de *O Guarani* para a língua francesa ainda no século XIX, percebe-se que o romance de Alencar suscitou interesse fora das fronteiras nacionais, afinal possui três publicações em francês”. Essa afirmação vale como um convite ao leitor para seguir essa trilha e verificar como os romances, para além da ficção, também têm uma história, podendo ela vir a ser empolgante para quem se debruça sobre a Literatura com a curiosidade e o apetite de um aficionado leitor de romances-folhetim.

Assumindo um tom bastante didático, o texto *Apontamentos cognitivos para uma Didática da Literatura*, de autoria do professor José Leite de Oliveira Júnior, tem uma proposta de defender a ideia de se ter uma didática de ensino da literatura que focalize o aspecto cognitivo do leitor. Segundo o autor, os estudos desenvolvidos nesse campo apresentam um foco maior na didática e na pedagogia, deixando de lado outra parte igualmente importante: o aluno. Faz uma crítica ao tipo de aula de literatura e defende a ideia de que seria mais eficaz uma aula centrada na experimentação do próprio aluno e centrada na complexidade do texto literário. Em direção a uma descrição da aula de literatura, ele apresenta o plano de aula, explicando o papel de cada uma das etapas. Ancora-se em Bloom (1976) para tratar das categorias do domínio cognitivo e em seu percurso apoia-se em clássicos da literatura brasileira exemplificando cada categoria (conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação).

O capítulo intitulado de *Heróis e heroínas em terras desconhecidas: as tradições africanas em narrativas infantis e juvenis*, de autoria de Maria Carolina Godoy, traz em evidência a literatura afro-brasileira, em particular, para o público infanto-juvenil. A autora convida o leitor a uma discussão em torno desse tema e questiona por que a pouca publicação de obras literárias afro-brasileiras e também a reduzida representatividade desses textos. No desenvolvimento de seus argumentos, ela aponta razões para o fato de as crianças e jovens terem pouco acesso a esse tipo de leitura. Godoy faz uma revisão da literatura e apresenta, desde os precursores da literatura afro-brasileira até os autores atuais. Faz uma forte crítica ao fato de as narrativas destinadas ao Ensino Fundamental remeterem, muitas vezes, à religiosidade de matriz africana ou retomarem contos de diferentes países africanos. Outro ponto de destaque neste capítulo é a reflexão desenvol-

vida pela autora sobre as inovações no campo da leitura digital. Ela ressalta como elemento positivo para a formação de leitores os recursos utilizados.

O capítulo seguinte tem a autoria de Maria Emilia Vico e é *A crônica. Gênero ambíguo... Mas genuinamente literário*. O texto está dividido em duas partes bem marcadas. A primeira parte apresenta um conjunto de perguntas que diretamente provoca no leitor um envolvimento particular de coparticipação. A autora chama a sua atenção, convidando-o a pensar sobre o contexto de produção da crônica. De forma direta elenca um conjunto de perguntas (Qual é o seu público? Quais os possíveis temas? Tem a crônica uma estrutura específica? Qual é a sua origem? E o veículo ou veículos? Quais são os objetivos da interação? Quais são os gêneros que se lhe parecem? Quais as características que fazem com que possamos dizer que um determinado texto é uma crônica? A crônica é um gênero literário?). O momento seguinte desta etapa é marcado pela discussão sobre o conceito de crônica, ocasião em que nos apresenta alguns estudiosos e seus textos. Na sequência da teorização, Vico põe em discussão se essa modalidade de texto é ou não um gênero literário. A segunda parte do capítulo é marcada pela análise de uma crônica de Carlos Drummond de Andrade e culmina em uma proposta de atividade. Trata-se de um texto cheio de provocações que convida o leitor à reflexão e não a dar informações apenas.

O último capítulo é de autoria de Márcia Cabral da Silva, intitulado *O gênero poético no ensino de literatura*. Haveria um espaço para o gênero poético em sala de aula? Durante o artigo, a autora mostra que sim e o faz apresentando uma possibilidade de análise. Ela se posiciona de forma a valorizar o movimento dos elementos linguístico a favor a compreensão de um texto poético. Essa postura é muito particular e positiva para o ensino de língua, para a formação de leitores, e ainda para a com-